

## A ética como fio condutor em práticas de design com artesãs na comunidade Maracanã/São Luís-MA

*Ethics as a guiding thread in design practices with artisans in the Maracanã/São Luís-MA community*

SANTOS, Tayomara Santos dos; Doutoranda; UEMG  
tayomara.ssantos@gmail.com.

REZENDE, Edson Jose Carpintero; Doutor; UEMG  
edson.carpintero@gmail.com

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora; UFMA  
raquel.noronha@ufma.br

SARAIVA, Gisele Reis Correa; Doutoranda; UNESP/UFMA  
gisa.reis@ufma.br

A produção artesanal com sementes florestais nativas como a semente de juçara/áçaí (*Euterpe oleracea mart.*), é realizada desde 2016, na comunidade rural Maracanã. Por meio das mãos habilidosas de mulheres da comunidade em parceria com mulheres do Centro de Promoção Artesanal do Maranhão e mediadas por designers, a produção se materializa nas vivências coproduzidas em encontros e práticas majoritariamente femininas. Pautadas no respeito e reciprocidade mútuas, na construção de planos comuns orientados pela ética. O presente artigo, objetiva apresentar reflexões acerca das relações construídas entre artesãs e designers no campo sob o prisma da ética, por meio de um relato de experiência. As narrativas das vivências coproduzidas nos encontros, por meio de oficinas colaborativas e incursões, contribuíram para gerar engajamento, produzir conhecimento coletivo e melhorar o arranjo produtivo do artesanato. A matéria-prima utilizada foram as sementes florestais da comunidade, rica em biodiversidade, geograficamente localizada em uma Área de Proteção Ambiental.

**Palavras-chave:** Ética; Gênero; Saberes Locais.

*Artisanal production with native forest seeds such as juçara seed (*Euterpe oleracea mart.*), has been carried out since 2016 in the rural and traditional Maracanã. Through the skilled hands of women from the community in partnership with women from the Artisanal Production Center of Maranhão and mediated by designers, the production materialized in the experiences co-produced in mostly female meetings and practices. Based on mutual respect and reciprocity, in the construction of common plans guided by ethics. This article aims to present reflections on the relationships built between artisans and designers in the field under the prism of ethics, through an experience report. The narratives of the experiences co-produced in the meetings, through collaborative workshops and incursions, contributed to generate engagement, produce collective knowledge, and improve the productive arrangement of handicrafts. The raw material used was forest seeds from the community, rich in biodiversity, geographically located in an Environmental Protection Area.*

**Keywords:** Ethic; Gender; Local knowledge.

## 1 Disposições iniciais

O Maracanã é uma comunidade localizada em uma Área de Proteção Ambiental - APA, criada pelo Decreto Estadual 12.103 de Outubro de 1991, para sua conservação e preservação. No entanto tem sofrido com os impactos da ocupação habitacional acelerada. É considerado símbolo de tradição e cultura popular pela população ludovicense, tendo como arautos de sua identidade: o grupo folclórico de Bumba-meu-boi de Maracanã – sotaque<sup>1</sup> de matraca<sup>2</sup>, tradicional no Maranhão, considerado Complexo Cultural reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO (IPHAN, 2019) e a Festa da Juçara<sup>3</sup> (açaí), celebrada no mês de outubro em comemoração à colheita do fruto amazônico.

A aproximação com as mulheres da comunidade teve como porta de acesso às sementes nativas que materializaram-se na produção de biojoias. Isto possibilitou estreitar as relações com as pessoas, pautadas no respeito e no cuidado pois consideramos: o tempo das coisas e a construção de espaços dialógicos sobre seus saberes; os modos de fazer; a territorialidade; a temporalidade na comunidade; os tratamentos empregados e a subjetividade dos materiais que vai muito além da ideia de forma e função, trazendo estes materiais de volta à vida (INGOLD, 2012).

A produção das biojoias deu-se por meio das práticas colaborativas de design (SANDERS, 2002; SPINUZZI, 2005; BINDER, 2011) e experimentos de design (HALSE, 2013), na busca por autonomia e considerando a pluriversalidade das coisas e das pessoas (ESCOBAR, 2016). Essas vivências surgiram por meio de oficinas e rodas de conversas na sede do grupo de artesanato *Fruta Rara*<sup>4</sup>, assim como nas incursões às trilhas ecológicas que a comunidade possui. Também nas visitas ao Centro de Promoção Artesanal do Maranhão – CEPRAMA, em São Luís – Maranhão – Brasil.

Neste trabalho, tenta-se trazer as narrativas das vivências e experiências coproduzidas em torno da produção do artesanato com sementes florestais, descritas sob o prisma da ética, com o objetivo de observar e refletir sobre a importância da construção de relações éticas, principalmente entre mulheres de comunidades criativas, e de como tais relações constituem-se em resultados significativos à comunidade para além da atividade artesanal.

Este trabalho consiste em um relato de experiência (CAMPOS, 2015), acerca das relações construídas em torno da produção artesanal de biojoias com sementes florestais ornamentais presentes na comunidade. Esta atividade foi observada, em mulheres artesãs e não-artesãs (aqueles que buscavam se engajar ao processo) da localidade, e artesãs do CEPRAMA, em visitas e encontros trocados entre os grupos mediados pelas designers.

<sup>1</sup> Cadências, modos de tocar, variações sonoras diferentes do bumba-meu-boi do Maranhão. Existem cinco sotaques (Matraca, Zabumba, Da baixada, Costa-de-Mãos e Orquestra) dos grupos de bumba-meu-boi do Estado.

<sup>2</sup> Ritmo cadenciado por matracas (instrumento musical composto por dois blocos de madeira que ao chocarem-se produzem uma tonalidade aguda do som)

<sup>3</sup> Fruto amazônico. No Maranhão chama-se de Juçara o fruto Açaí.

<sup>4</sup> Grupo formado por artesãs do Maracanã em 2016 por meio de ação extensionista de design, com o objetivo de enaltecer a cultura e a economia locais, a partir da maior riqueza que a comunidade dispunha a semente do fruto da juçara.

## 2 Métodos e Técnicas

Em termos metodológicos a construção deste artigo deu-se por meio de um relato de experiência que parte das observações da pesquisadora que também se coloca como agente ativa no campo, destacando algumas narrativas. Para tanto, foram elencadas categorias em que os diálogos entre as participantes eram mais motivados e as relações éticas construídas mais bem percebidas pela pesquisadora.

As relações se construíram na atenção à fala do outro e no cuidado ao responder a esta fala por meio de outras falas e ações; na responsabilidade e no comprometimento empregados durante o fazer junto; no respeito demonstrado à história e ao cotidiano do lugar; na tentativa de tornar o ambiente mais confortável e democrático possível para as ações de design. Houve a preocupação em constituir um espaço em que as diferentes visões de mundo das pessoas envolvidas fossem respeitadas.

De acordo com Campos (2015), entende-se o relato de experiência como o texto que descreve uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação. É a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional tida como exitosa ou não, mas que contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias para o campo. Sob essa premissa, em dados momentos, peço licença para discorrer este artigo em primeira pessoa, uma linguagem mais simplificada, com maior fluidez e liberdade textual para apresentar e contextualizar as experiências obtidas dos encontros e experimentos realizados durante a pesquisa em epígrafe.

Dentre as categorias discursivas e observadas nas narrativas, elencamos a troca de saberes (conhecimentos particulares e modos de fazer), grupos produtivos (produção, entraves, fornecimento e logística, venda, etc.), biojoias (materiais, técnicas, beneficiamento, medidas e acabamento), uso das sementes (manejo, mapeamento, espécies e identificação) e sustentabilidade (econômica, ambiental e cultural).

O estudo de narrativas tem despertado interesse em torno do antigo “interesse com narrativas e narratividade, tem suas origens nas Poéticas de Aristóteles” (Jovchelovitch e Bauer, 2010, p. 90), relacionado à crescente consciência do papel, que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais. Os autores Jovchelovitch e Bauer (2010) também nos chamam a atenção para o despertar desta nova consciência, ao salientarem que as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais, para além de um jogo de perguntas e respostas por meio de entrevistas.

Sendo assim, as discussões sobre narrativas vão, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. Esta é entendida como uma forma discursiva, histórias de vida, reais e societais, abordadas em campos do conhecimento como teoria cultural e literária, linguística, filosofia, psicologia, antropologia, podendo ser empregada também no campo do design.

Os trechos das narrativas produzidas nesta pesquisa foram motivados por meio de experimentos sociais de design, realizados nos encontros na União de Moradores da Vila Mochel – Maracanã, entre 2018-2020 e a divulgação das imagens foi autorizada pelas participantes por meio de registro audiovisual, no entanto, usaremos nomes fictícios para as artesãs nas narrativas.

Para Joachim Halse (2010;2013), os experimentos são práticas antropológicas de design, constituindo um experimento contínuo com participação efetiva, desempenho e intervenção situada. Os experimentos acontecem nos contatos com os interlocutores em campo durante o fazer colaborativo.

O diálogo surge nas ações corriqueiras e no fazer apresentado pelas artesãs, assim como na ação atencional e nas respostas cuidadosas da pesquisadora. Os espaços de diálogo que se formam por meio dos experimentos têm o propósito de promover discussões e trocas entre as pessoas em busca de um ‘plano comum’ (NORONHA, 2018) para a idealização e realização de bens comuns.

Também como procedimentos, levantamos as dificuldades e imaginamos coletivamente, melhorias futuras (HALSE, 2010, 2013; INGOLD, 2017) na tentativa de otimizar o processo produtivo do artesanato com sementes florestais, neste contexto, a produção de biojoias.

Os resultados possíveis são frutos da triangulação das observações da pesquisadora em campo (observação participante) com os experimentos sociais de design (HALSE, 2013) realizados nas reuniões entre grupos, ancorados nos autores que embasaram este trabalho para chegar ao objetivo proposto.

### **3     Mulheres, contextos e abordagens éticas da pesquisa na comunidade**

O grupo de mulheres artesãs Fruta Rara, surgiu a partir de ação extensionista da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, chamado “Artesanato no Maracanã: utilização da semente de juçara na produção artesanal”, entre os anos 2016/2017 por alunas e professoras do curso de Design da UFMA e artesãs da comunidade. Por meio de um processo construído coletivamente via design participativo foi possível criar um percurso que nos aproximou das experiências, anseios, perspectivas e sonhos dessas mulheres quanto à prática artesanal tendo como material as sementes de juçara (açaí). As designers nesse processo, tinham participação como agentes ativos também imbuídas na atividade.

As relações com as mulheres da comunidade foram sendo construídas no primeiro momento, por meio da realização de palestras e oficinas onde abordamos temas como – manejo da juçara para consumo, descarte dos caroços, possibilidades de outros usos para as sementes, produção de biojoias – propostos pelas designers após um processo de escuta nas visitas à casa de algumas artesãs, por indicação da representante da comunidade.

No segundo momento, por meio do acompanhamento da rotina cotidiana destas mulheres em suas atividades (da doméstica à produção do artesanato) o objetivo foi entender o contexto e a realidade onde estas pessoas estavam inseridas. Para Ingold (2011) somos todos considerados habitantes do mundo, e o que temos em comum são as nossas diferenças. Deste modo, é necessário “viver sem medo com e dentro das diferenças”, o que Escobar (2016, p. 18) denomina como Pluriverso, ou seja, imergir para entender os contextos e identificar os pontos em comum.

A partir da consolidação do grupo cujo objetivo foi desenvolver produtos considerando a valorização do saber popular e do território, surgiu uma nova oportunidade de geração de renda, além do reconhecimento do pioneirismo, em função, do beneficiamento e confecção de biojoias com sementes de juçara na comunidade, estendendo-se para a utilização de outras espécies de sementes nativas encontradas na APA que constitui a região.

Quanto às artesãs do CEPRAMA, são mulheres experientes e premiadas pelo acabamento e composição de sua produção – biojoias desenvolvidas a partir do uso de sementes florestais ornamentais. Este Centro de Artesanato tornou-se referência no apoio e escoamento da produção de artesãos de dezenas de municípios do Maranhão, além de abrigar também, o único ponto de apoio do Programa de Artesanato Brasileiro – PAB no Maranhão. Para ter seu trabalho exposto neste espaço, há um rigoroso processo de seleção.

Durante nossa aproximação ao CEPRAMA por meio de visitas e conversas informais, as artesãs nos relataram que para produzirem suas peças precisavam adquirir sementes de outros estados como Goiás e Minas Gerais por meio de atravessadores e reconheciam que o melhor para elas, seria adquirir sementes do próprio estado, pelas facilidades no fornecimento, logística e política de preços (SANTOS, 2020).

Logo, saber das dificuldades e entraves enfrentados pelas artesãs do CEPRAMA na aquisição da sua principal matéria-prima proporcionou uma abertura maior para o diálogo. Assim, pudemos compartilhar com as mesmas que ali próximo, no bairro Maracanã, havia um grupo de mulheres que poderiam ajudá-las na aquisição do insumo. Estas mulheres mostraram-se empolgadas e abertas a negociações, oferecendo seu espaço para encontros com as artesãs do Maracanã.

Neste intercurso, vislumbramos oportunidades de criar um ambiente dialógico, de trocas entre grupos produtivos mediados pelo design. Ganem (2016, p. 15) argumenta que atuar “[...] dialogicamente é uma ação projetual estratégica, que tem como objetivo inserir a cultura da criatividade, e da inovação baseada na identidade local, na geração de produtos, processos, serviços e interrelações buscam como resultado contribuir para a sustentabilidade dos territórios.”. As artesãs do Maracanã, trabalham em primeira instância com o processo de beneficiamento das sementes, seguida da produção de biojoias. Deste modo, observou-se como potencialidade e ampliação de seu trabalho, o fornecimento de sementes beneficiadas a outros artesãos, ampliando a cadeia produtiva.

“Um projeto de design que pretenda atingir resultados comprometidos com os princípios éticos deveria delinejar e definir sua aplicabilidade nas reflexões e nas práticas de design”. (FRIEDRICH, 2018, p. 13).

Mas o que é ética? Para os gregos na antiguidade, trata-se do conjunto de padrões e valores morais de um grupo ou indivíduo. Contudo, para a Filosofia, a ética, é a disciplina filosófica que estuda os fundamentos da moral, procurando justificar a moralidade de uma ação e distinguir as ações morais das ações imorais e amorais. Ou seja, orienta como nós, indivíduos, deveríamos ou devemos viver.

Para além das questões de condutas e normas morais, porém, no âmbito das questões relacionais, Filho e Pompeu (2015, p.02), qualificam ética como,

“um conhecimento a serviço da vida e da convivência, que lida com pessoas reais, não com um ser humano genérico. Ela vai muito além de respeitar normas estabelecidas. A ética é uma disposição da inteligência coletiva, uma luta de toda a sociedade para alcançar a convivência mais justa”.

A partir da premissa acima, e de acordo com o que pôde-se observar no percurso até aqui, tivemos o cuidado de percorrê-lo por meio de posicionamento ético, cuidadoso e justo. Para Friedrichs (2018, p. 13), “a ética que permeia os processos de projeto deve deixar de ser apenas uma premissa, mas torna-se materializada.”. Deste modo, nas ações projetuais de design voltadas à produção de biojoias com as artesãs do Maracanã, durante a realização de cada etapa, consideramos cuidadosamente a diversidade local, o cotidiano das artesãs, o fluxo das demandas do território e seu entorno, seus valores morais e visões de mundo, como também respeitamos a passagem do tempo na comunidade.

Findeli (2001) nos coloca que a ética em seu sentido antropológico incorporada à cultura material e imaterial dos projetos por meio do design, pode apresentar-se sob uma forma

sustentável, contribuindo para a produção de modos de vida mais éticos. Em meio ao contexto discorrido, entendemos a ética como condição *sine qua non* para a construção de relações respeitosas e cuidadosas em campo por meio da integração *pear-to-pear* (MANZINI, 2008) em que tanto artesãs quanto designers se encontram em uma situação de igualdade e têm uma relação mais direta, uma tentativa de romper com certas hierarquias durante a construção de conhecimentos.

Como principais abordagens éticas trazidas, consideramos a **Ética do Cuidado** (BOFF, 1999; PERDIGÃO, 2003) e aludida por Carol Gilligan (1982), pois, nos inserimos em um território rural e tradicional com saberes e modos de fazer particulares, cujo público principal do estudo, são mulheres. E devido ao fato da atividade envolver extração de materiais da comunidade que está geograficamente inserida em um espaço rico em biodiversidade, consideramos também os fundamentos da **Ética Ambiental** (MEADOWS *et al.*, 1972; GOMEZ-HERAS, 1997).

### 3.1 Ética do Cuidado

Entende-se a ética do cuidado, conforme Perdigão (2003), como a responsabilidade das pessoas em respeitar a natureza e a dignidade humana, partindo do princípio da “preocupação por” ou do “cuidado com” o outro tanto nas relações que se constituem entre as pessoas, quanto nas relações que ocorrem nas práticas do design com as comunidades criativas produtoras de artesanato. Essa “maneira mais cuidadosa de ser” (BOFF, 1999, p. 6) tende a manifestar-se com maior êxito em espaços onde a diversidade humana é contemplada, qualificando-a como riqueza, onde os saberes populares são virtudes que revelam a cultura e a identidade local. A principal ferramenta que nos ajuda a construir relações mais cuidadosas uns com os outros é o diálogo.

A autora Carol Gilligan (1982), nos traz a perspectiva do cuidado no desenvolvimento moral das mulheres, na edição do livro “Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta”, o que emerge uma ética do cuidado, questionando as concepções éticas vigentes com vistas a valorizar não apenas os atos, as motivações e o caráter dos envolvidos, mas se as relações positivas são ou não favorecidas. Isto nos remete ao trabalho de produção de biojoias com sementes pelas mulheres artesãs do Maracanã e do CEPRAMA e todos os valores (autoconhecimento, autonomia financeira, criatividade, a cultura local, reconhecimento da importância da matéria-prima, etc.,) desvalores (pouco reconhecimento na comunidade, pouca participação familiar, dificuldades de trabalhar em grupo, etc.,) que constituem a atividade, que devem ser percebidos e considerados pelas designers no projeto.

Para Zoboli (2004) na forma mais antiga do latim, a grafia da palavra ‘cura’ é ‘coera’ muito usada para contextualizar relações de amor e amizade, expressar uma atitude de cuidado, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto estimado. Também percebe-se que os estudos filológicos indicam que a palavra ‘cuidado’, significa cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de preocupação e desvelo.

Nesta pesquisa, a natureza da palavra ‘cuidado’ inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si: a primeira, uma atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro e, a segunda, uma preocupação e inquietação advindas da ligação afetiva com o outro, por parte da pessoa que cuida, possibilitados pela imersão no campo, no olhar atento e no processo de escuta durante o fazer coletivo.

### 3.2 Ética Ambiental

Além da comercialização do vinho da juçara<sup>5</sup>, a comunidade Maracanã, tem como uma das principais atividades econômicas, o turismo ecológico. Nesse contexto, o guia ecológico local nos orientou sobre a biodiversidade local e sementes nativas, mostrando-nos o grande potencial que a comunidade tem para fornecê-las, devido à abundância e ao desperdício considerável do material, sem aproveitamento e sem qualificação profissional para isso.

A partir destas informações, realizamos algumas incursões para encontrar espécies nativas na mata, trilhas ecológicas e áreas de extração mineral na APA. Essas incursões eram tuteladas pelo guia e pelas artesãs, que conheciam bem o entorno. As idas à mata foram fundamentais para que fizéssemos o levantamento das espécies de sementes nativas presentes na região, assim como para a demarcação dos pontos de coleta. Também foi importante para que entendêssemos um pouco da dinâmica da biodiversidade local e suas cosmologias (energias, crenças, costumes, subjetividades) que influenciavam diretamente na atividade com as sementes, nos dando subsídios para o melhoramento da cadeia produtiva da atividade e o desenvolvimento do inventário de espécies nativas e saberes locais.

Pensando no espaço relacionado a esta pesquisa e principalmente nos materiais dos quais estávamos trabalhando – as sementes – alguns aspectos locais foram predominantes. São eles: a limitação dos recursos naturais da comunidade e sua capacidade de auto-renovação; a aceleração do desmatamento de juçaraíns, buritizais, babaçuais; a poluição e degradação ambientais locais em virtude do aumento vertiginoso da população e a produção de bens de consumo, do consumo em si e da relação da interrelação pessoas-natureza. Com isso, começamos a questionar se não poderíamos fazer daquele trabalho do artesanato com sementes, uma forma de chamar a atenção da comunidade por meio das artesãs, até um momento em que perceberam a relevância ética desta atuação produtiva.

Sendo assim, identificamos nos fundamentos da ética ambiental um caminho para discutirmos e refletirmos questões junto às artesãs para que fossem reverberadas na comunidade e ilustradas nas ações voltadas ao artesanato com sementes por meio do design.

Meadows *et al.* (1972), nos colocam que a ética ambiental é a relação de superposição na qual o homem se entendia em relação ao meio ambiente, e então, passa a incluir a noção de limitação dos bens naturais. Também proporciona uma análise crítica das condutas e concepções humanas sobre a natureza e questiona ações do progresso moderno sustentado por uma noção de recursos naturais ilimitados, na qual se encontra uma natureza carente de direitos e sem força para gerar deveres.

Partindo desse cenário, diversas linhas de pensamento dedicaram atenção para a questão de uma ética ambiental, a partir de uma análise da problemática da ética do meio ambiente como forma de produzir um discurso sobre a natureza, que posiciona-se criticamente a interação entre ela e os seres humanos. A tentativa se refere a buscar uma forma de compatibilizar o desenvolvimento da técnica e a manutenção da natureza de forma que continue a produzir somente os recursos necessários à própria tecnologia. Portanto, em síntese, a ética ambiental, assume a tarefa de fundamentar normas reguladoras de condutas, que tenham em sua essência valores imperativos da moral e a conduta do homem em relação com a natureza (GOMEZ-HERAS, 1997, p.17-90).

---

<sup>5</sup> Como o maranhense chama o extrato produzido do fruto.

#### 4 A ética norteando estratégias e táticas de design na mediação de conflitos da produção de biojoias

Após a conclusão da primeira parte do projeto extensionista, retomamos as atividades na comunidade para acompanhar a produção de biojoias com as sementes de juçara e as tratativas em torno do beneficiamento, pois o trabalho com as comunidades não deve ser interrompido após a culminância da ação projetual do design. A continuidade torna-se necessária, pois tem-se o intuito de ampliar as relações de confiança, parceria e compromissos entre grupos e éticas.

Em nosso retorno, percebemos que houve baixas no grupo diminuindo a dinâmica da atividade. Deste modo, após observações e conversas junto ao grupo de artesãs, pensamos em táticas e estratégias para tentar minimizar os gargalos.

Conforme Di Salvo (2009, p. 52) “[...] táticas são meios desenvolvidos pelas pessoas para negociar estratégias em direção a seus próprios objetivos e desejos.” Seguindo esta premissa, traçamos recomendações que pudessem auxiliá-las na integração de novas colaboradoras. Quanto aos processos de beneficiamento e acabamento das peças desenvolvidas levantamos as maiores dificuldades na atividade.

Durante o encontro, observando as sementes de buriti, anajá e juçara coletadas pelas artesãs, lançamos algumas perguntas para provocar discussões e gerar ideias. Perguntas como: “de que maneira podemos trabalhar essas sementes? Quais as formas de tratamento que vocês conhecem? Em que peças podemos inseri-las? Como respostas:

*Gardênia: Eu particularmente gosto das pulseiras e dos brincos, a gente pode começar por aí, colares nem tanto, mas pulseiras, gosto demais;*

*Hortência: A gente pode continuar melhorando os ‘colar’.*

*Gardênia: Tucum, acho que falta anel de tucum.*

*Hortência: A dificuldade tá em como fazer. Algumas sementes não sei mexer.*

Após um longo processo de escuta, buscando tratativas a curto e médio prazo para as dificuldades apresentadas pelas artesãs, adotamos algumas estratégias e táticas de design. A busca por orientações quanto a inserção de outras sementes à atividade, até então voltada somente para a semente de juçara/açaí, pois o interesse maior partiu das próprias artesãs, foi um movimento estratégico pensado coletivamente. Notamos que o contato com outros grupos de artesanato que lidam com o mesmo material e manifestam a mesma linguagem, poderia ser uma dessas táticas e/ou estratégias pensadas como possibilidade de melhoramento nas dinâmicas do grupo. Além destas, outros importantes movimentos táticos e estratégicos foram pensados e realizados como os mostrados a seguir:

##### 4.1 1º encontro: um bate-papo no CEPRAMA

Como ação inicial, promovemos um encontro entre artesãs do Maracanã e do Centro de Promoção Artesanal do Maranhão – CEPRAMA, no próprio Centro, de maneira que ambas as artesãs mediadas pelas designers, pudessem dialogar sobre suas experiências com o artesanato e levantar possíveis acordos que promovesssem melhorias em suas atividades produtivas, já que ambas lidavam com os mesmos insumos. Como propostas, o grupo do Maracanã poderia fornecer sementes beneficiadas a preços compensatórios ao grupo do CEPRAMA, já que este grupo adquire seu principal insumo de outros Estados a custos maiores.

*Leucena: Comprar material de atravessador, torna minhas peças mais caras [...] eu sei que isso ‘afugenta’ o público do CEPRAMA, mas eu também*

*preciso valorizar meu trabalho, né? [...] se tivesse sementes daqui pra comprar seria muito melhor pra nós.*

Em contrapartida, o grupo do CEPRAMA, premiado por suas produções, poderia oferecer orientações por meio de oficinas e minicursos sobre produção de biojoias às artesãs do Maracanã. A iniciativa dialoga com o que postula Halse (2010, p. 34), ao enfatizar que “[...] as observações de campo de uma determinada realidade e a criação de futuros possíveis são dois lados do mesmo empreendimento.” Estas oportunidades foram observadas pela designer e pesquisadora durante encontros nos ambientes produtivos dos dois grupos.

Durante o encontro no CEPRAMA, os diálogos seguiram com fluidez motivados pela paixão e pelas memórias que ambas nutriam pelas sementes. Deste modo, consideramos as ‘sementes’ uma categoria importante nas falas das artesãs.

*Hortência: Eu tava vendendo isso aqui, essa semente. A senhora já tentou abrir essa parte aqui em cima?*

*Leucena: Não. Já tenho há algum tempo, mas nunca tentei abrir. Se aqui tiver como uma tampinha é porque macaco abriu e comeu o que está dentro. Eu sei, porque no interior e no Maracanã tem muito! Olha! Bem aqui o macaco abre e come as sementes de dentro. É só meter a ponta da faca aqui que essa tampinha sai. Chamam de sapucaia.*

*Hortência: Essa casquinha aqui, serve para fazer um jarro, mamãe fazia para colocar tempero seco e sal grosso e socava. Usava como um pilão.*

*Leucena: A natureza é incrível mesmo!*

*Hortência: Quando o macaco tira essa tampa, ela tá pronta pra cair do tronco.*

*Pesquisadora: A gente tá sempre aprendendo, não é?*

*Hortência: Sim.*

Para retribuir a gentileza do que aprendera com a artesã do Maracanã, a artesã do CEPRAMA repassou seus conhecimentos sobre técnicas para furação das sementes quando não se tem ferramentas como furadeira e brocas à disposição. Ela nos explicou que recorre ao uso de agulhas para furar as sementes que geralmente encontra em suas andanças pela cidade. E, para facilitar a perfuração das sementes é necessário cozinhar-las, deste modo o processo fica facilitado.

Observando as peças e as sementes do acervo no box expositor, conversamos sobre a maneira como as artesãs do CEPRAMA dispõem as sementes nos fios e de como o acabamento é impecável. A artesã Hortência, reconhece nas biojoias algumas sementes presentes em abundância em sua localidade como, buriti (*Mauritia flexuosa*), a juçara (*Euterpe oleracea mart*), o tamarindo (*Tamarindus sp.*), o coco-babaçu (*Attalea speciosa*) e o dendê (*Elaeis guineensis*) o que chamou a atenção da artesã do CEPRAMA, que sempre adquiriu sementes de outras regiões. Em sua fala, a artesã relatou seu descontentamento com a perda de qualidade das sementes fornecidas por outros locais, o que nos remete às categorias ‘beneficiamento e logística’:

*Hortência: A senhora compra essas sementes por grama?*

*Leucena: Não! Nossa vendedor costuma vender a unidade. Mas a última vez que ele veio, comprei o saco, mas não lembro quantas vieram, mas custou 40,00 e o buriti também. A gente tem que comprar né? O pouco trocadinho que a gente tem, a gente compra porque até ele voltar.*

Percebe-se então que ali poderia se estabelecer uma troca. Os saberes de ambas poderiam ser a solução dos gargalos produtivos uma da outra (FIGURA 1). Ingold (2017, p. 14) enfatiza que

“[...] ter coisas em comum não é um pré-requisito para a comunicação, mas seu resultado.”, considerando esta prerrogativa, um acordo foi sugerido pela designer: as artesãs do Maracanã beneficiaram e venderia sementes para as artesãs do CEPRAMA a preços compensatórios, pois os entraves logísticos seriam bem inferiores e, em contrapartida, as artesãs do CEPRAMA retribuíram oferecendo orientações sobre técnicas de elaboração de biojoias, acabamento e atendimento ao consumidor, algo concordado pelos grupos.

Figura 1 – a) conversa entre artesãs do CEPRAMA e do Maracanã; b) artesã apresenta sementes de sapucaia (*Lecythis pisonis Camb*)



Fonte: SANTOS, (2019).

#### 4.2 2º encontro: Oficina de cocriação de biojoias

Conforme Rios (2010), a atuação de designers em comunidades de artesãos tende a gerar algumas divergências, sendo assim, um ponto comum entre os seus diversos modelos é a presença de capacitações. Embora as capacitações sejam importantes para ampliar o conhecimento e repertório dos artesãos, elas costumam disseminar a ideia de que na relação design-artesanato, o designer é o detentor do conhecimento intelectual e técnico, que deve ajudar ou qualificar os artesãos, enquanto o artesão é o leigo e não possui conhecimento suficiente para desenvolver um produto como afirma Romeiro, (2013).

Pensando em minimizar relações conflituosas nesse sentido, para este projeto, nada melhor do que as próprias artesãs mediadas pelas designers, orientarem umas às outras sobre os seus processos produtivos. Com isto, pode-se romper com a dependência e certas hierarquias de saberes que se constroem, às vezes, até de modo não intencional, oriundas da relação design-artesanato.

Neste contexto, como parte dos acordos firmados entre as artesãs do Maracanã e o CEPRAMA mediados por designers, realizamos uma oficina colaborativa de produção de biojoias, intitulada “Intercâmbio com sementes”, um encontro que reuniu um grande grupo formado por designers da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, artesãs e habitantes da comunidade interessadas pela atividade (FIGURA 2). A oficina tratava-se de uma tática de design (DI SALVO, 2009), como meio de atrair mulheres artesãs e não-artesãs que pudessem ingressar e engajar-se na atividade.

Figura 2 - Intercâmbio entre artesãs do CEPRAMA e artesãs do Maracanã



Fonte: SANTOS, (2020)

Esse evento pode ser entendido como um experimento social de design, cujo objetivo não era necessariamente ensinar a confeccionar um adorno corporal com sementes a partir do olhar de designers, mas um espaço para provocar o diálogo, o entendimento de processos entre artesãs e designers e artesãs e outras artesãs. Uma espécie de intercâmbio de saberes sobre artesanato; um espaço para experimentar e explorar o que as sementes poderiam oferecer de benefícios para o grupo e para a comunidade.

Conforme Halse (2010) a capacidade de estabelecer diálogos de design comprometidos e recíprocos entre várias partes interessadas, coproduz histórias de práticas existentes e possíveis interações tecnológicas futuras. Nesse contexto, a artesã Leucena apresentou algumas de suas produções e compartilhou com o grupo um pouco de sua experiência com o universo das sementes e do artesanato. A abordagem perpassou desde quando ingressou na atividade, as oportunidades que encontrou, as dificuldades e prazeres de trabalhar nesse setor, quais sementes tinha maior contato, onde costumava expor seus produtos, tratamentos oferecidos aos clientes e se a atividade proporcionou satisfação e autonomia econômica.

Os discursos da artesã insuflaram as mulheres presentes, que por sua vez teceram suas opiniões sobre a atividade e sobre a importância de aproveitar os recursos do território com as sementes. Para tanto, abrimos o espaço para que todas pudessem manifestar reações, sentimentos, perspectivas, descontentamentos, sugestões, visões de mundo sobre o que estávamos pondo em discussão e sobre o fator motivador para participação no encontro. Os diálogos trouxeram respostas surpreendentes em que as categorias ‘território’, ‘materiais’ e ‘modos de fazer’ ganham força.

*Pesquisadora: O que motivou vocês a participarem?*

*Rosa: Todas as sementes que estão aí, principalmente a da juçara que aqui a gente estraga muito né? E a riqueza que é a semente.*

*Margarida: Sempre que tem projetos assim na comunidade eu gosto de participar, eu sempre tenho curiosidade de olhar esses colares no pescoço das senhoras, das senhoritas, e nós temos tanta riqueza em nossa comunidade que é desperdiçada, em frente à minha casa tem algumas dessas aí, essa semente aqui eu sempre dizia que era de melancia (leucena) e eu vou continuar no grupo pra parar de desperdiçar, e Leucena (artesã), não vai mais precisar comprar de outro lugar, pode ter a riqueza daqui também.*

Depois que cada participante pode colaborar com seus pontos de vistas sobre a atividade considerando, os materiais, os modos de fazer, o território e sua relação com ele, chegamos ao tão aguardado momento de produção de biojoias, conduzido pela artesã do CEPRAMA,

auxiliada pelas designers (FIGURA 3). Sobre a técnica, Sennett, (2009, p.180) argumenta que as pessoas que adquirem um alto grau de capacitação, veem na técnica a “alma” do trabalho; deste modo, a ‘técnica’, outra importante categoria acionada, está ligada à expressão.

Figura 3 - Materiais, técnicas e participantes



Fonte: SANTOS, (2020)

A categoria técnica fica evidente durante as explicações ao apresentar o modo particular de trabalhar as sementes. A artesã do CEPRAMA inicia a atividade apresentando um modelo simples, e segundo ela, fácil de comercializar, no qual a partir do modelo proposto, tinha-se liberdade para desenvolver outros modos de montar, como nós, encaixes e acabamentos, nos deixando livres para exercitar a imaginação que ao final, dariam origem a peças únicas. O encontro foi considerado uma experiência prazerosa para as artesãs e exitosa para as pesquisadoras, apresentando resultados surpreendentes.

#### 4.3 3º encontro: engajamento entre artesãs

Autores como Ricaldone, Silva e Rezende, (2018), nos alertam para as dificuldades e o despreparo dos artesãos no trabalho em grupo, pois na maioria dos casos o artesão tende a trabalhar sozinho. Seu desafio é exercitar sua capacidade de cooperação e coletividade, pois ao tentar esta prática, pode provocar a evasão de alguns participantes. Deste modo, ele deixa de observar que a prática coletiva de sua atividade produtiva pode trazer vantagens como a troca de conhecimentos, a consolidação de parcerias, (RICALDONE, SILVA E REZENDE, 2018) e atividades mais dinâmicas.

A partir desta prerrogativa, como parte das ações de design para reestruturação da atividade artesanal com biojoias no Maracanã prejudicada também pela evasão de participantes, em fevereiro de 2020, realizamos mais um grande encontro com as artesãs que manifestaram interesse pela atividade, em nosso já sacramentado ponto de encontro: a sede da união de moradores da Vila Mochel sede do grupo Fruta Rara. Contamos com a presença de muitas mulheres. O objetivo do encontro foi promover diálogos e levantamento de ideias que fossem materializadas em ações concretas para retomada das atividades do grupo Fruta Rara com a chegada das novas integrantes.

Nas ações planejadas para o encontro promovemos a entrega dos certificados pela participação na oficina colaborativa "Intercâmbio com sementes". Para as pesquisadoras um ato simbólico de reconhecimento e gratidão pela disponibilidade atribuída à atividade proposta e para as artesãs, gratidão pela oportunidade de aprendizagem. Enquanto entregávamos os certificados, as artesãs conversavam sobre as experiências adquiridas na oficina, em sua maioria relatos positivos.

Para fomentar as discussões, fez-se necessário informar às mulheres recém-chegadas sobre os projetos anteriores iniciados pelo trabalho com as sementes de juçara e as motivações que levaram a fazer o aproveitamento de outras espécies do Maracanã, principalmente de

espécies palmáceas como buriti, babaçu, anajá/inajá, dendê abundantes na região. Sendo assim, traçamos um percurso cronológico da pesquisa com sementes no artesanato para informar às artesãs sobre cada fase do projeto. As discussões foram pautadas em assuntos como tempo demandado em cada atividade; produção e venda e formalização. Aproveitamos a oportunidade para apresentar vídeo-depoimentos de outros grupos produtores de artesanato presentes na comunidade aludindo sobre como lidam em suas cadeias produtivas para inspirá-las.

*Violeta: Assim que saímos daqui no último encontro, meu neto foi mostrar para todo mundo que ele conhecia o colar que ele fez, muito empolgado “olha o que eu acabei de fazer!”. Aí uma moça, perguntou se ele queria vender, pra ajudar, ela disse que daria 35,00. Daí ele me perguntou “eu vendo vó?” Eu disse “você quem sabe” e ele respondeu “não vou vender, vou dar a minha mãe porque prometi a ela”. Daí a moça insistiu, e ele disse que venderia por 50,00.*

*Leucena: Temos um negociador!*

*Violeta: Quando ele chegou em casa, arrumou um saquinho e um lacinho colocou o colar e deu a mãe dele. Eu digo que dá pra ganhar dinheiro com esse trabalho.*

O relato da artesã ilustra aquilo que discutimos desde o início da pesquisa: o quanto esta atividade pode trazer benefícios para as artesãs e para a comunidade, em termos de geração de renda, reconhecimento material e imaterial da comunidade enquanto produtora de sua própria identidade. Suas falas nos chamaram a atenção para a importância do engajamento coletivo para a atividade pela comunidade, ancorado pelas artesãs, um evidente exercício de cidadania diretamente ligado à ética.

No encerramento do encontro elaboramos um planejamento de atividades e dos encontros futuros. As atividades deveriam ser iniciadas pela coleta seguidas pela triagem, armazenamento pós-coleta, lixamento das sementes, e definição das datas para acompanhamento pela equipe de designers.

Acreditamos que este encontro foi crucial para que pudéssemos imaginar cenários possíveis que permitam sanar as demandas da atividade, e a construção de um laboratório aberto, em que puderam expressar seus objetivos, indignações, alegrias, descontentamentos e sonhos relacionados não só à atividade, mas à comunidade e a vida de cada uma (FIGURA 4).

Figura 4 - Ação para engajamento coletivo



Fonte: SANTOS, (2020).

## 5 Resultados construídos nas interrelações

As respostas do campo que apresentaremos a seguir, são frutos de um processo de interrelações que foram construídas nos experimentos realizados durante os intercâmbios, acompanhamentos, encontros e incursões. A partir do olhar atento das pesquisadoras em campo, pode-se traduzir as demandas encontradas, em soluções possíveis junto à comunidade, por meio da escuta, empatia, e atencionalidade, seguindo a abordagem das práticas colaborativas de design e sob o prisma da ética.

O contato com os grupos de mulheres artesãs, em especial o grupo ‘Fruta Rara’ nos possibilitou enxergar o panorama do atual cenário vivido por estas pessoas. No primeiro momento, acompanhando a rotina cotidiana e buscando entendimento sobre suas experiências, anseios, perspectivas e sonhos na atividade. No segundo momento realizando com elas e outros interlocutores, descrevendo as etapas da cadeia produtiva, principalmente a etapa de coleta e seleção de sementes para que entendêssemos não só os processos, mas percebêssemos o espaço geográfico da APA nas visitas guiadas. E, no terceiro momento, propondo os intercâmbios e experimentos, voltados às práticas, ao saber popular, ao meio ambiente, reconhecimento e valorização do território, para enfim identificar as oportunidades de geração de renda e autonomia embutidas na atividade.

Com a realização dos encontros construímos um percurso de ações por meio dos diálogos e ideias apreendidas com os interlocutores no campo, nas trocas e contribuições entre os grupos produtivos de artesanato do Maracanã e CEPRAMA com a equipe de designers.

Deste modo, apresentamos a seguir os principais resultados que obtivemos a partir das ações de design em campo.

### **5.1 Produção de inventário das espécies nativas e modos locais de fazer**

Um inventário pode ser entendido como o registro documental das coisas (materiais, máquinas e equipamentos, etc) e procedimentos. Do contato com artesãs dentro e fora do Maracanã e pessoas da comunidade por meio das trocas científico-vernaculares possibilitadas pelas ações éticas em campo, observamos a necessidade de deixar registradas as espécies de sementes florestais encontradas na APA do Maracanã, com possibilidade de serem empregadas na atividade artesanal por meio de catalogação. Da mesma forma, inventariar as práticas empíricas de manejo e tratamento das sementes e produção do artesanato, construídos coletivamente com a comunidade.

Deste modo, identificamos mais de 30 espécies, no entanto, obtivemos maior detalhamento de informações de 24, com potencial para inseri-las na atividade produtiva. As informações preliminares, destacam o levantamento de espécies por meio das incursões em pontos da APA e das obras de Bandeira (2008), Benatti (2013) e Lorenzi (2016), como nome científico, como são conhecidas pela comunidade, período de coleta e locais onde foram coletadas na APA, características físicas e como podem ser usadas no artesanato como apresentado na Figura 5.

Figura 5 - Páginas do Inventário de sementes da Amazônia Maranhense.



Fonte: SANTOS, (2020)

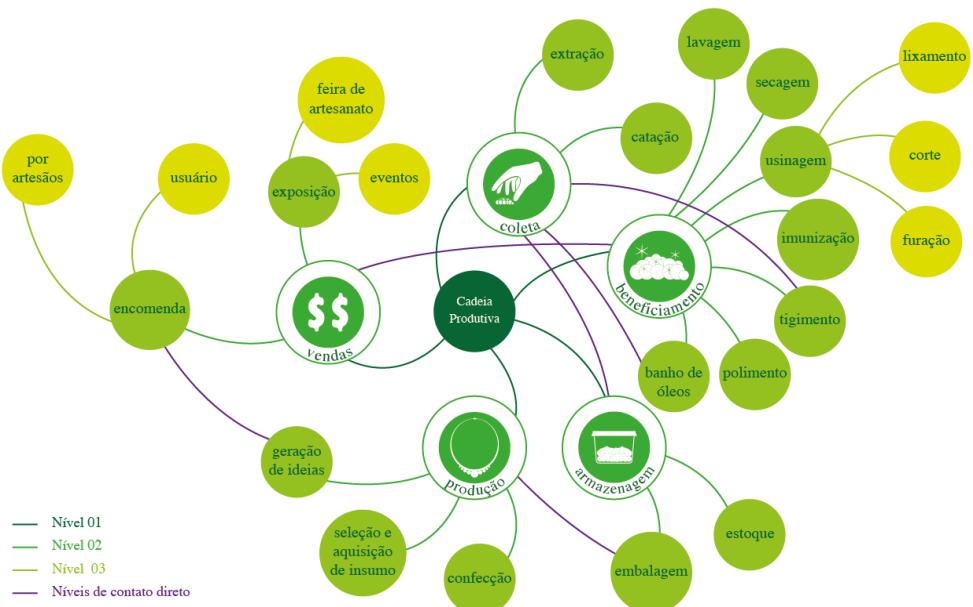
## 5.2 Sistematização preliminar da cadeia produtiva

A cadeia produtiva é descrita por Mielke (2002, p. 15) como “[...] um conjunto de etapas consecutivas ao longo das quais os insumos sofrem algum tipo de transformação até constituírem-se em um produto e sua colocação no mercado”, no entanto, nem sempre considera os valores (características comportamentais) que estão embutidos nesse processo. Krucken (2009) chama atenção dos designers para a percepção de agregação de valor a partir do reconhecimento da identidade do território principalmente para referenciar comunidades produtivas como o Maracanã.

Nas fases iniciais das pesquisas em torno das sementes para o artesanato na comunidade, a base da cadeia produtiva partia do processo de beneficiamento das sementes, onde alguns ‘macroprocessos’ foram reduzidos a ‘etapas do tratamento’. Processos com abrangência significativa, como a coleta, eram entendidos como procedimentos menores. Deste modo, esse fator, inibia as preocupações de possíveis melhorias na atividade, reduzindo sua qualidade.

Percebemos que os movimentos entre processos são sistêmicos e seguem o fluxo dos materiais e demandas, e nem sempre necessitam seguir movimento unilateral com base em informações preestabelecidas, pois, por se tratar de uma atividade que tem como base o fazer empírico, considera-se os improvisos durante a realização. A esse movimento de “interligar etapas” chamamos de níveis de contato direto, como ilustrado no diagrama a seguir (FIGURA 6).

Figura 6 - Diagrama do sistema produtivo do artesanato com sementes



Fonte: SANTOS, (2020)

## 6 Considerações finais

As experiências empíricas vivenciadas atencionalmente em campo durante esta pesquisa, fruto dos experimentos sociais de design nos intercâmbios, oficinas, encontros, expedições à mata, ações situadas e acompanhamento da rotina produtiva do artesanato, podem ser entendidas como práticas colaborativas de design.

Vivemos em cenários onde precisamos constantemente repensar e redesenhar nossa existência, deste modo, o design torna-se suporte para projetos de vida individuais e coletivos.

Os profissionais de design têm habilidades para integrar e estabelecer relações com grupos heterogêneos por sua capacidade de mediação, no que tange à busca por entendimento de contextos culturais plurais e na atividade projetual do design para produtos e serviços.

Nesta pesquisa construímos um arcabouço significativo de informações sobre o campo. Quanto ao material – sobre que sementes aproveitar, onde coletar, a maneira correta de coletar e como são vistas, possibilitado pelas incursões e expedições ao campo. Quanto ao território - no que tange aspectos da cultura local e dos grupos produtivos e, do valor simbólico. E, principalmente quanto aos processos – que emergem da cadeia produtiva como as formas de tratamento, por meio do acompanhamento ativo das atividades com atores sociais.

Questões pontuais voltadas à ênfase de ordem econômica e mercadológica (negociações para obtenção de matéria-prima; mecanismos de pesquisa sobre o gosto do consumidor; espaços de distribuição; necessidade de embalagens; difusão do trabalho em redes sociais e a rentabilidade da produção) não qualificamos com principais pontos de discussão deste artigo. Embora reconheçamos o quanto estes âmbitos são de suma importância para o artesanato e para a geração de renda a quem o produz.

O foco deste trabalho, foram as relações norteadas pela ética, constituídas nos encontros com a comunidade - artesãs, mediadas pela designer. Onde, por meio de um esforço coletivo, alinhando saberes empíricos e acadêmicos, e compreendendo a dinâmica da biodiversidade local, pôde-se identificar soluções possíveis para melhoria da atividade em questão.

Estas questões são fundamentais para refletirmos a respeito do que é diferente e do cuidado necessário em ações colaborativas no campo. O trabalho produtivo colaborativo é sustentado pelo trabalho de cuidado, intensamente vivenciado. Estar em campo e aprender com as pessoas de lá é aprender e estar atenta ao que é importante para elas, ao que elas sabem e acreditam, logo, isso precisa ser orientado pelo cuidado, pela ética.

Guiada por essas premissas, foi dessa vivência atencional durante o fazer participativo que surgiram algumas respostas para as demandas que se apresentaram ao longo do caminho. Nesta pesquisa, as demandas das artesãs – compreendendo questões relacionadas a procedimentos da cadeia produtiva do artesanato; da comunidade – por tratar-se de uma localidade inserida em uma APA, foi necessário identificar possíveis contribuições da atividade artesanal com sementes nos processos de conservação e preservação da biodiversidade do território, e dos materiais – quanto aos tratamentos necessários.

Por meio da parceria com mulheres artesãs e não-artesãs (aqueles que se engajaram no transcorrer da pesquisa, e aos poucos têm adquirido habilidades do saber-fazer artesanal) foi possível construir um percurso de atividades que permitisse o entendimento sobre suas experiências, anseios, perspectivas e sonhos possíveis de alcance com a atividade artesanal.

A ética como fio condutor considerando correntes éticas como a ética do cuidado e a ética ambiental podem colaborar para aprofundar as discussões a respeito da conduta de designers, principalmente no que tange sua aproximação em projetos com o artesanato em grupos criativos. A forma mais próxima de uma conduta ética que o profissional de design pode assumir nas relações construídas em territórios e ambientes específicos, singulares como o Maracanã é o respeito pela diversidade de todos os atores envolvidos, trabalhando de forma coletiva, definindo responsabilidades e compreendendo a dimensão sistêmica. Deste modo, se constroem relações sustentáveis e duradouras refletidas não somente nos campos social e econômico, mas também nos âmbitos ambiental e cultural.

## 7 Referências

- BENATTI, Lia Paletta. **Inovação nas técnicas de acabamento decorativo em sementes ornamentais brasileiras:** design aplicado a produtos com perfil sustentável. [S.l.:s.n], Editora Blucher, 2017.
- FILHO, Clovis Barros; POMPEU, Júlio. **Somos todos canalhas:** filosofia para uma sociedade em busca de valores. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Bumba meu boi do Maranhão é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.** São Luís, 2019. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5499/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade> Acesso 25/10/21
- BINDER, Thomas et al. **Design things.** United States: Mit Press, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano. Petrópolis: vozes, 1999.

CAMPOS, Magna. **Manual de gêneros acadêmicos:** resenha, fichamento, memorial, resumo científico, relatório, projeto de pesquisa, artigo científico/paper, normas da ABNT. Edição do Autor, Mariana: 2015.

DISALVO, Carl. Design and the Construction of Publics. **Design Issues**, Massachusett, v. 26, n.1, 2009.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño:** La realizacion de lo communal. UC Editorial. Popayán: Universidad del Cauca – Colombia. 2016.

FRIEDRICHES, Henrique. **Design e Ética:** sobre a proposição de um dispositivo pluriético. Dissertação (Mestrado em Design) – 148 f. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Design. Porto Alegre, 2018.

FINDELI, A. Rethinkin. Design education for the 21st Century: Theoretical, Methodological, and Ethical Discussion. **Design Issues:** Volume 17, Number 1 Winter, 2001.

GANEM, Marcia. **Design Dialógico:** Gestão Criativa, Inovação e Tradição. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

GILLIGAN C. **Uma voz diferente:** psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1982.

GOMEZ-HERAS, José M. El problema de una ética del medio ambiente. In: J. M. G. Goomez-Heras (Ed.). **Ética del Medio Ambiente, problema, perspectiva, historia.** Madrid: Editorial Tecnos, S.A., 1997, p.17-90

HALSE, J.; BRANDT, E.; CLARK, B.; BINDER, T. (Eds.). **Rehearsing the future.** Copenhagen: the Danish Design School Press, [s.l.:s.n.], 2010.

HALSE, Joachim. Ethnographies of the possible. In: GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte (eds). **Design Anthropology:** theory and practice. London, New York: Bloomsbury, 2013.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.Isto é uma revista?

INGOLD, Tim. **On Human Correspondence:** the Journal of the Royal Anthropological Institute. [s.l.]: University of Aberdeen. 2017.Idem anterior

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.p. 90-113.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 7. ed. São Paulo: Instituto Plantarum de estudos de flora, 2016.

MARANHÃO. Secretaria do Meio Ambiente e Turismo. Decreto 12.103, de 1 de dezembro de 1991. Cria, no Estado do Maranhão, a Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã, com limites que especifica e dá outras providências, **Diário Oficial [do] Estado do Maranhão**, São Luís. 1991

MEADOWS, D. H; RANDERS, J.; BEHERENS, W.W. **Limites do crescimento: um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade.** São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomía in design. **Strategic Design Research Journal**, [s.l.], v. 11, n. 2, 2018.

PERDIGÃO, Antônia Cristina. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: os pressupostos filosóficos. **Revista Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. XXI, 2003, p. 485- 497.

RICALDONI, Thaís Falabella; SILVA, Luciana Machado Coelho; REZENDE, Edson José Carpintero. Reflexões sobre ética na relação design-artesanato. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**. Brasília, v. 5, n. 2 (2018), p. 99-113.

SANDERS, Elizabeth B.N. From User-Centered to Participatory Design Approaches. In: FRASCARA, J. **Design and the Social Sciences**. [s.l.]: Taylor & Francis Books Limited: 2002.

SANTOS, Tayomara Santos dos. Correspondências por meio de sementes: saberes, sustentabilidade e produção artesanal. **Dissertação (Mestrado em Design)** – 241 f. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. editora: [s.l.]:Record, 2012.

SPINUZZI, Clay. The Methodology of Participatory Design. **Applied Research**, [s.l.], v. 52, n. 2, 2005.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev Esc Enferm**. USP, v. 38, n.1; p-21-27, 2004.

### Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, pela bolsa concedida no doutorado;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão – FAPEMA, pela bolsa concedida no mestrado;

À CAPES, por esta pesquisa está vinculada ao PROCAD-AM/Edital 2018;

À comunidade Maracanã, São Luis -MA pelo acolhimento.